

INFORMATIVO CONJUNTURAL

Nº 56 – Novembro de 2009



SECRETARIA DE
ESTADO DE AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO



**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado
Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto
Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola
João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos
Eliza Alves Vieira

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS - EMATER/MG**

Presidente
José Silva Soares

Diretor Técnico
José Ricardo Ramos Roseno

Editoração e Coordenação do Informativo
José Fernando N. Domingues

e-mail: ciagro@emater.mg.gov.br

Tel: (31) 3349-8087 - (31)3349-8182

ÍNDICE

COMENTÁRIO ECONÔMICO
PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO
BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

ANÁLISE DE SAFRAS
ALGODÃO
CAFÉ
FEIJÃO
MILHO
SOJA
TOMATE
FRUTICULTURA

BOI GORDO
FRANGO E OVOS
SUINO
LEITE
PEIXE

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA CEASAMINAS

COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira
E-mail: everton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8061 - Belo Horizonte/MG

Como observado neste informativo no comentário de setembro/09, a economia mundial e brasileira emitem sinais de que a crise financeira internacional encontrou seu ponto mínimo no 2º trimestre de 2009 e há uma estabilização e tendência de recuperação. Contudo, a intensidade e continuidade dessa recuperação ainda é motivo de muita divergência e o ponto fundamental se constitui na questão fiscal.

Para se ter uma idéia, o déficit fiscal nominal (despesas maiores que receitas, incluindo pagamento de juros e amortizações dos governos) nos EUA, atingirá 13,7% do PIB, e mesmo nos países ditos emergentes, como a China, o ano deve encerrar com déficit de 4,1% do PIB, enquanto a Rússia deve alcançar os 8%/PIB e a Índia, 7,8%/PIB. No Brasil esse percentual, segundo as principais previsões, chegará a 3% do PIB.

Contudo, no caso brasileiro, o quadro carece de um "olhar mais profundo". Primeiro temos que perceber que o Brasil conta com uma dívida pública ainda onerosa e relativamente alta em proporção ao PIB, quando comparada com a de outros países emergentes. Segundo dados do FMI, no Brasil a dívida pública consolidada do setor público está, em 2009, em 70,9% do PIB, contra 20,9%/PIB no caso Chinês e 35,4%/PIB na Coreia do Sul. Fato também que grande parte do déficit fiscal de 2009 vem justamente do pagamento dos juros dessa dívida, visto que ainda há um superávit primário (receitas maiores que as despesas correntes sem pagamento de juros e amortizações) da ordem de 2% do PIB em 2009. E, terceiro, que grande parte desse déficit fiscal está concentrado em renúncia fiscal para consumo, visto que os itens com maior crescimento de gastos estão nas despesas do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), pessoal e custeio administrativo no 1º semestre/2009. Enquanto isso, no mesmo período, os gastos com investimentos do Tesouro Nacional cresceram proporcionalmente menos.

Isso tudo quer dizer que o Governo Federal, ainda endividado, está operando uma política de gastos crescentes (e renúncia de receitas), concentrada mais em consumo do que em novos investimentos. O aumento do consumo alavanca o PIB, mas o cenário de restrição no médio prazo também se acentua.

O economista Raul Velloso, especialista em finanças públicas citou, em entrevista recente, que "ficará para o próximo Presidente fazer o ajuste fiscal" e isso poderá comprometer o PIB entre 2010 e 2011.

Por sinal, esse também é o sinal que os ventos externos vêm trazendo. Com déficits públicos volumosos e dívida pública ascendente, caberá aos governos dos países desenvolvidos (e mesmo emergentes) fazer um profundo ajuste fiscal com reflexos na redução dos incentivos fiscais, do consumo e do PIB. Protelar isso significa inflação, alta de juros e mais dívida. Ou seja, a trajetória da recuperação encontrará seu limite na necessidade do ajuste fiscal.

No Brasil, o quadro não é diferente, por isso, muitos analistas apontam que estender os incentivos fiscais e não conter gastos de custeio está agravando a situação no médio prazo, e as medidas corretivas terão de ser mais incisivas. As vozes divergentes discordam e dizem que a situação fiscal está sob controle, que o crescimento do déficit público é temporário e que tudo irá se acomodar ao longo de 2010 com o crescimento do PIB.

O tempo e os resultados determinarão quem estará certo, mas o fato é que a situação das contas públicas será uma variável de ajuste nos próximos dois anos. Esse cenário reforça a necessidade de bons instrumentos de gestão na área pública e um planejamento bem feito para evitar a ineficiência de recursos.

PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

Superintendência de Política e Economia Agrícola
E-mail: spea@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6546 - Belo Horizonte/MG

O Produto Interno Bruto (PIB) do Agronegócio Mineiro calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/ESALQ/USP), sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais – SEAPA/MG – e da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais – FAEMG-, registrou contração de 0,93% no mês de agosto, resultado este pior que a retração observada no mês de julho que foi de -0,84%. No acumulado deste ano, o agronegócio já revela retração de 7,55%, situação bastante desfavorável àquela apresentada em 2008 que em igual período apresentava expressiva taxa de crescimento de 13,72%.

No agronegócio da **agricultura**, o mês de agosto revelou retração de 0,17%, ritmo de contração menor que em julho (-0,30%). Enquanto os segmentos Insumos e Básico permaneceram recuando, a Indústria e a Distribuição mantiveram taxas positivas naquele mês. No acumulado do ano (jan/ago), o agronegócio da **agricultura** registrou contração de 3,98%.

Quanto ao agronegócio da **pecuária**, observou-se que todos os segmentos que o compõem apresentaram, em agosto, taxas negativas, que levaram o agregado do setor naquele mês apresentar retração de 1,73%. Desta forma, no acumulado do ano o desempenho do agronegócio da **pecuária** já acumulou taxa negativa de 11,10%. (Vide Figuras 1 e 2 e Tabela 1).

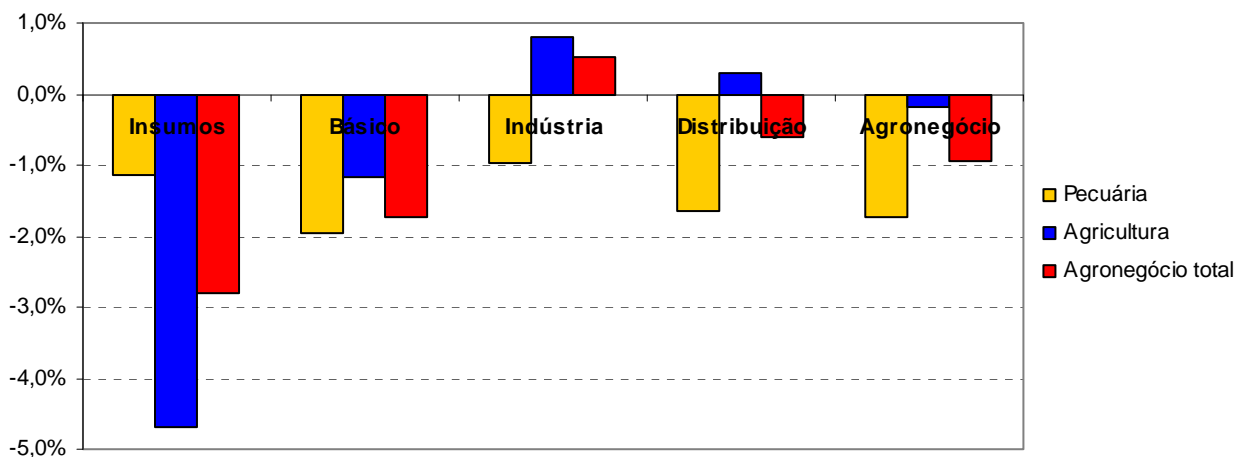


Figura 1 - Taxas de crescimento em agosto de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA.

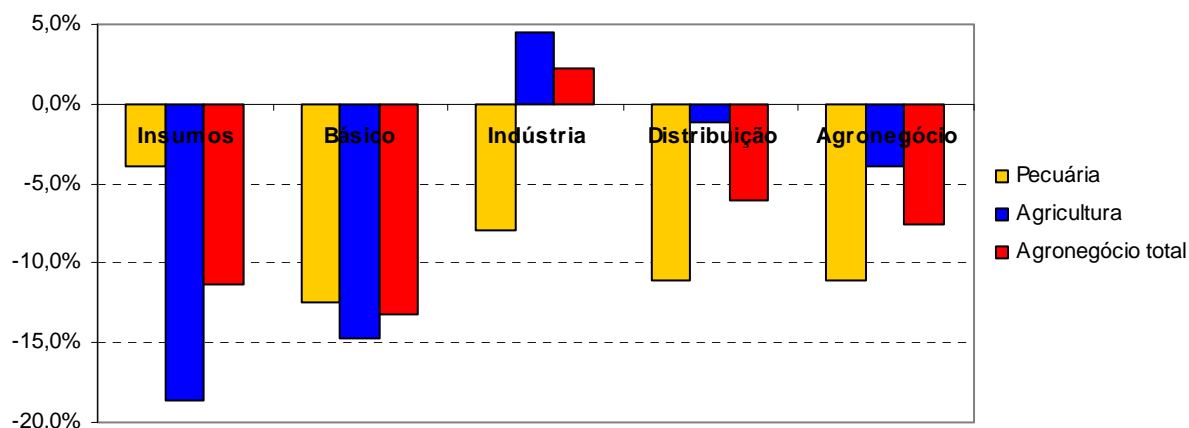


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a agosto de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2009/2008 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Março/08	2,56	1,93	0,11	1,08	1,29
Abril/08	3,78	3,04	-0,32	1,47	1,84
Mai/08	4,99	2,88	0,00	1,51	1,96
Junho/08	6,83	3,36	-0,06	1,70	2,35
Julho/08	6,42	2,46	0,28	1,33	1,95
Agosto/09	-0,14	1,35	-0,41	0,42	0,58
Março/09	0,84	-1,61	0,11	-0,77	-0,79
Abril/09	-1,46	-2,27	-0,03	-1,20	-1,38
Mai/09	-2,50	-1,89	-0,14	-1,05	-1,29
Junho/09	-4,07	-2,08	0,23	-0,94	-1,35
Julho/09	-2,37	-1,58	0,49	-0,55	-0,84
Agosto/09	-2,81	-1,72	0,52	-0,61	-0,93
Acum. no ano (2008)	37,10	21,16	-0,30	10,31	13,72
Acum. no ano (2009)	-11,28	-13,20	2,22	-6,05	-7,55

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Março/08	2,78	2,09	-0,27	0,39	0,72
Abril/08	4,57	2,30	-0,98	-0,04	0,51
Mai/08	6,76	2,55	-0,41	0,45	1,11
Junho/08	9,55	2,40	-0,36	0,46	1,34
Julho/08	8,48	2,28	0,35	0,94	1,68
Agosto/09	-0,71	1,97	-0,25	0,43	0,51
Março/09	1,07	-2,54	0,27	-0,52	-0,61
Abril/09	-2,20	-2,14	0,28	-0,39	-0,70
Mai/09	-4,14	-1,75	0,11	-0,39	-0,82
Junho/09	-7,08	-2,03	0,51	-0,17	-0,86
Julho/09	-4,17	-1,41	0,71	0,15	-0,30
Agosto/09	-4,70	-1,17	0,81	0,30	-0,17
Acum. no ano (2008)	48,51	19,08	-2,66	3,23	7,57
Acum. no ano (2009)	-18,57	-14,76	4,45	-1,21	-3,98

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Março/08	2,35	1,86	1,81	1,84	1,89
Abril/08	3,02	3,39	2,53	3,11	3,21
Mai/08	3,27	3,04	1,73	2,61	2,82
Junho/08	4,10	3,81	1,19	2,97	3,35
Julho/08	4,25	2,55	-0,04	1,73	2,21
Agosto/09	0,49	1,06	-1,05	0,40	0,65
Março/09	0,60	-1,19	-0,62	-1,02	-0,97
Abril/09	-0,70	-2,32	-1,52	-2,08	-2,07
Mai/09	-0,84	-1,95	-1,37	-1,77	-1,77
Junho/09	-1,13	-2,10	-1,14	-1,81	-1,86
Julho/09	-0,72	-1,66	-0,59	-1,33	-1,41
Agosto/09	-1,14	-1,97	-0,96	-1,66	-1,73
Acum. no ano (2008)	26,54	22,16	10,70	18,41	20,35
Acum. no ano (2009)	-3,93	-12,48	-7,92	-11,12	-11,10

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

A análise dos segmentos que formam o PIB do Agronegócio revela que o segmento de Insumos apresentou a maior queda em agosto (-2,81%) e já acumula taxa negativa de 11,28% no

período jan/ago de 2009. Do lado da **agricultura**, os insumos recuaram 4,70% no mês de agosto, ampliando para -18,57% o resultado acumulado no ano. Houve queda de preços no mês para Fertilizantes e Corretivos de Solo e de alta de preços para Combustíveis e Lubrificantes. Com isso, os principais insumos das lavouras (Fertilizantes e Corretivos de Solo) já acumulam neste ano quedas de 15,6% em preços reais e de 17,8% em volume.

Pelo lado da **pecuária**, a retração no mês de agosto foi menos intensa, com taxa de -1,14% (-0,72% em julho). Isso ampliou para -3,93% a taxa acumulada no ano. Todos os preços recuaram em agosto. No item alimentos para animais, no acumulado dos oito primeiros meses, verificaram-se preços reais em baixa e volume em alta de 4,5%.

As atividades do segmento Básico (“Dentro da Porteira”) aprofundaram a retração mensal, sendo de -1,72% em agosto contra -1,58% em julho. Isso ocorreu em função do fraco desempenho da pecuária, uma vez que as atividades agrícolas continuaram melhorando. A taxa de retração acumulada das atividades “dentro da porteira” elevou-se para 13,20%, maior recuo entre os segmentos do agronegócio.

Nas atividades agrícolas, houve retração de 1,17% em agosto, desempenho melhor quando comparado com o mês de julho, que registrou -1,41%. No acumulado do ano, a contração da renda atingiu 14,76%. As quedas foram maiores nas atividades de produção de carvão vegetal, feijão e algodão. Embora os preços e volume do carvão vegetal tenham se recuperado no mês de agosto, ele amarga queda anual de cerca de 45% e de aproximadamente 25% em volume. Já o feijão, após registrar a maior alta de preços em 2008, sofreu queda de aproximadamente 50% neste ano e o volume recuou cerca de 1%. O algodão em pluma também apresentou redução de preços, próxima de 15%, e de volume, cerca de 25%.

As atividades da pecuária apresentaram retração de 1,97% em agosto, ritmo superior ao verificado em julho. Isso ocorreu devido à diminuição das altas dos preços do frango e ao recuo nos preços do leite e do bovino vivo. No acumulado do ano (jan/ago) a renda das atividades pecuárias recuaram 12,48%.

O segmento Industrial manteve trajetória de expansão da renda no mês de agosto, registrou naquele mês taxa de 0,52% (em julho foi 0,49%). Dessa forma, o segmento acumulou no período analisado crescimento de 2,22%. É o único segmento em expansão neste ano.

O segmento de Distribuição do agronegócio recuou 0,61% em agosto (-0,55% em julho), nos oito meses de 2009 o segmento acumulou retração de 6,05%. Esse fraco desempenho do segmento pode ser atribuído à má performance da pecuária, visto que pelo lado da agricultura houve crescimento. O segmento de distribuição agrícola apresentou expansão de 0,30% em agosto, reduzindo a taxa de retração deste setor para 1,21% no ano. Foi o segundo mês consecutivo que o segmento apresentou expansão. Já o segmento de distribuição da pecuária apresentou recuo de 1,66% em agosto, ritmo ainda mais intenso que o de julho (-1,33%). Assim, a taxa de retração acumulada no ano pela distribuição na pecuária atingiu 11,12%.

Face ao exposto, o CEPEA/ESALQ/USP estimou o PIB do agronegócio mineiro para este ano com base nos dados apurados no mês de agosto em R\$ 86,5 bilhões (a preços de 2009). Sendo que o agronegócio da agricultura responde por R\$ 44,7 bilhões ou 51,7% e o da pecuária, por R\$ 41,7 bilhões ou 48,3%.

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

Márcia Aparecida de Paiva Silva
E-mail: marcia.silva@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6548 - Belo Horizonte/MG

Exportações, importações e balanço comercial do agronegócio mineiro

Nos primeiros dez meses de 2009, as exportações do agronegócio mineiro somaram US\$ 4.568,5 milhões, que representa um decréscimo de 5,1% ante o valor registrado no mesmo período de 2008 (US\$ 4.815,7 milhões). A queda nas exportações é reflexo da redução dos preços médios dos principais produtos exportados, tais como produtos do complexo café, carnes, e soja que foi de 15,9% , 18,1% e 23,0%, respectivamente.

O açúcar, entretanto, vem apresentando comportamento positivo, posicionando-se na quarta colocação dentre os principais grupos de produtos do agronegócio mineiro enviados ao exterior. As exportações de açúcar renderam receitas para o Estado da ordem de US\$ 425,5 milhões, de janeiro a outubro de 2009. Em comparação com igual período de 2008, foi registrado aumento do valor exportado de 49,0% e do preço médio do 17,1%. O aumento do preço médio do produto reforça o aumento da receita das exportações.

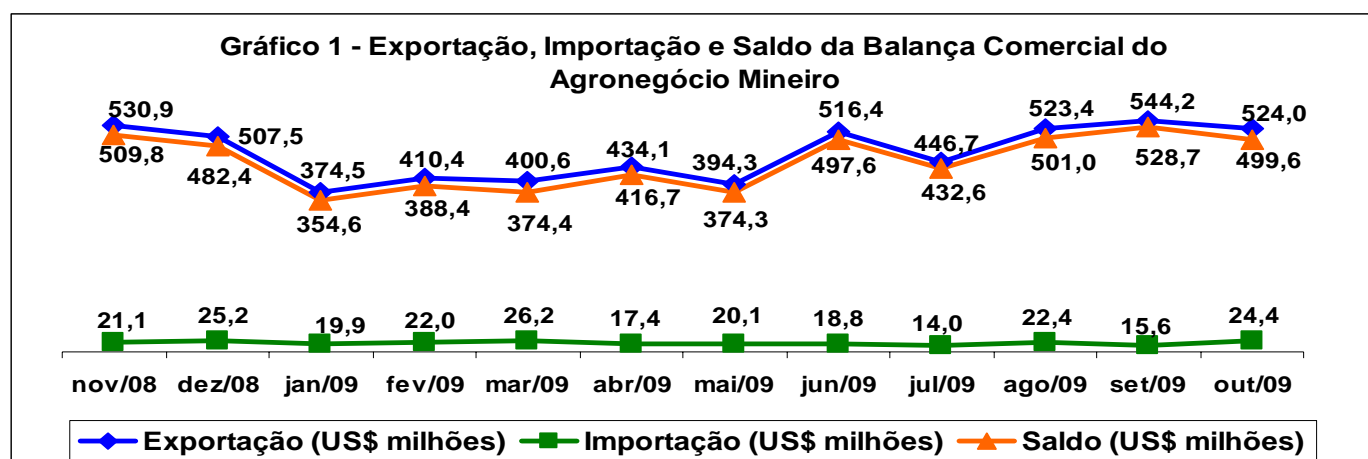
Os produtos do complexo soja (farelo, óleo e grão), embora tenham apresentado queda no preço médio, apresentaram crescimento do valor das exportações em 93,0%. As receitas passaram de US\$ 248,5 milhões, nos primeiros dez meses de 2008, para US\$ 479,1 milhões, no mesmo período de 2009. Apenas a soja em grão garantiu a receita de US\$ 324,2 milhões e apresentou crescimento de 105,1%, em relação a 2008. As exportações de soja foram favorecidas pelo aumento da produção da safra 2008/2009 ante a 2007/2008, que permitiu maior disponibilidade do produto para ser destinada ao mercado externo, e pela crescente demanda internacional.

As importações do agronegócio mineiro, por sua vez, responderam pelo montante de US\$ 200,6 milhões, representando um decréscimo de 24,3% ante os US\$ 265,1 milhões registrados em igual período de 2008. O principal produto importado, o trigo, apresentou decréscimo no valor das importações em 38,7%. A redução da importação de trigo é favorecida pela manutenção da produção mineira.

Nos primeiros dez meses de 2009, o saldo do agronegócio mineiro rendeu divisas de US\$ 4.367,9 milhões. Este valor encontra-se 4,0% inferior ao montante registrado em igual período de 2008 (US\$ 4.550,6 milhões).

Comportamento mensal

Mês a mês, o agronegócio mineiro vem reagindo aos efeitos nocivos da crise financeira internacional e demonstrando sinais de recuperação. Essas informações podem ser visualizadas no Gráfico 1.



Fonte: Elaboração SEAPA/SPEA, a partir de dados do MDIC/Secex.

A partir de julho de 2009, essa realidade tornou-se mais evidente, uma vez que as exportações mensais passaram de US\$ 446,7 milhões naquele mês e atingiram os US\$ 524,0 milhões no mês de outubro de 2009. Em relação à setembro de 2009, quando as receitas das exportações mineiras do setor responderam por US\$ 544,2 milhões, o valor exportado sofreu uma queda de 3,7%. Concomitantemente, as importações do setor apresentaram crescimento passando de US\$ 15,6 milhões para US\$ 24,4 milhões, perfazendo um crescimento de 56,7%.

Este efeito combinado, redução das exportações e aumento das importações mineiras do agronegócio, tem como uma das justificativas a variação cambial. Com a taxa de câmbio, em R\$/US\$, em níveis baixos, a moeda nacional se apreciou em relação ao dólar fazendo com que os produtos importados se tornassem mais atrativos, internamente, e os exportados perdessem competitividade no mercado internacional.

Embora o câmbio não tenha sido favorável para as exportações, alguns produtos apresentam comportamento positivo nesta conjuntura adversa. Dentre eles se destacaram produtos hortícolas e sucos e conservas alimentares, que apresentaram crescimento no valor das exportações de 59,4% e 925,3% e auferiram a receita de US\$ 6,8 milhões e US\$ 5,8 milhões, respectivamente. O aumento das exportações de sucos e conservas alimentares em cerca de 10 vezes, que passaram de US\$ 570 mil para US\$ 5,8 milhões, vislumbra uma perspectiva positiva ao agronegócio mineiro no que tange ao aumento da exportação de produtos com maior valor agregado, conferindo ao Estado mais divisas.

ANÁLISE SAFRAS

José Fernando N. Domingues
E-mail: ciagro@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8129 - Belo Horizonte/MG

O Segundo Levantamento de Intenção de Plantio para a safra 2009/2010 realizado na segunda quinzena de outubro pela Companhia Nacional de Abastecimento Conab, mostrou as perspectivas de área, produção e produtividade para as culturas de algodão, amendoim 1ª. safra, arroz, feijão 1ª. safra, mamona, milho 1ª. safra e soja, a serem cultivadas na safra de verão ora em andamento. Além das culturas de verão, a pesquisa teve ainda como objetivo avaliar o desempenho das culturas de inverno (aveia, centeio, cevada, trigo e triticale) que estão na fase de colheita.

Vale destacar que durante o mês de outubro, mês de maior concentração de plantio, as chuvas ocorreram em praticamente todas as regiões produtoras. Segundo a pesquisa da Conab as precipitações ocorreram significativamente acima da média em praticamente todo o estado do Paraná, no oeste de Santa Catarina, no sudeste do Mato Grosso do Sul, no sudoeste de São Paulo e no centro de Goiás. O Norte e Nordeste também se destacaram pelo alto índice de precipitação, o oeste e o centro-norte da Bahia, o sul do Maranhão, o sudoeste do Piauí e o norte do Tocantins. Nas demais regiões produtoras, as precipitações ocorreram próximas da média histórica. Essa condição beneficiou, principalmente, o plantio e o desenvolvimento vegetativo da soja e do milho no Mato Grosso, em Goiás, São Paulo e Minas Gerais.

Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia, INMET e o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - CPTEC/INPE, para os meses de novembro, dezembro e janeiro de 2010, está prevista a ocorrência de chuvas acima da média para parte da Região Centro-Sul. Se a previsão se concretizar, o clima continuará favorecendo o desenvolvimento das culturas de verão. Entretanto é bom lembrar que as chuvas em excesso poderão causar danos pontuais, além de favorecer o aparecimento de doenças e de dificultar os tratamentos culturais, podendo interferir até na colheita.

Com relação à área plantada, a pesquisa realizada pela Conab sobre a intenção de plantio para a safra 2009/10 indica uma área entre 47,44 milhões e 48,18 milhões de hectares. Estes dados confirmam a estimativa do primeiro levantamento realizado em setembro e representa uma redução de 230,0 mil hectares (-0,5%) até o crescimento de 509,7 mil hectares (1,1%). Das cinco principais culturas analisadas na pesquisa (algodão, arroz, feijão 1ª. safra, milho 1ª safra e soja),

apenas a da soja apresenta crescimento na área cultivada na nova safra. Os principais fatores para o aumento da área de soja foram o menor custo por hectare, comparativamente ao principal concorrente, o milho; a maior liquidez; a expectativa de rentabilidade positiva apesar de menor do que o ocorrido na safra anterior e ainda, os baixos preços do milho e do algodão que acabaram desestimulando os produtores para o plantio destas culturas.

Se forem confirmadas as previsões sobre as condições climáticas favoráveis durante todo o ciclo das culturas, a produção brasileira de grãos para a safra 2009/10 poderá atingir um volume entre 139,04 e 141,70 milhões de toneladas. Este resultado representa um aumento entre 3,0% e 5,0%, ou seja, entre 4,05 e 6,70 milhões de toneladas, superior ao total produzido em 2008/09 que foi de 135,0 milhões de toneladas.

A Conab destaca ainda no seu relatório o acréscimo entre 9,5% e 11,4% para a cultura da soja, com uma produção estimada entre 62,50 e 63,60 milhões de toneladas que, se confirmada a área estimada, e se as condições climáticas forem favoráveis, a produção desta oleaginosa será recorde.

Comparativo de área e produção de grãos. Estimativa 2009/2010

Localidade	Área (mil ha)			Produção (mil t)		
	2008/09	2009/2010		2008/09	2009/2010	
		Limite Inf.	Limite Sup.		Limite Inf.	Limite Sup.
Minas Gerais	2.804,2	2.719,0	2.828,4	10.225,5	9.751,3	10.203,2
Região Sudeste	4.786,5	4.666,6	4.819,1	16.985,2	16.419,4	17.033,7
Brasil	47.671,9	47.441,9	48.181,6	134.988,2	139.036,7	141.691,9

* Excluindo a produção de algodão em pluma
 Fonte: Conab. Adaptado por Asmec/Emater-MG

ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira
 E-mail: reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br
 Tel.: (38) 3223-2130 Montes Claros MG

O primeiro levantamento de intenção de plantio para a safra 2009/2010 da Companhia Nacional de Abastecimento – Conab, divulgado no início de outubro, demonstra que a área a ser plantada nesta safra deve ser quantitativamente semelhante à área plantada na safra passada, que fechou em 47,71 milhões de hectares ante os 47,35 e 48,06 milhões de hectares – variação dos limites inferior e superior respectivamente –, previstos para a atual safra.

Dos produtos pesquisados apenas a soja apresenta crescimento na intenção de plantio, isto em função da liquidez do grão no mercado internacional, e que tem sinalizado boas perspectivas para a exportação. Aliado a tudo isso os baixos preços do milho e do algodão tem favorecido o avanço da soja sobre estas culturas.

Os dados apresentados pela Conab referente à cultura do algodão no Brasil mostram uma redução de 10% na área de plantio, quando analisado em seu limite inferior, passando de 842,0 mil hectares para 753,4 mil hectares, com conseqüente reflexo na produção final que deverá ficar na casa de 1.129,8 mil toneladas de algodão em pluma.

Com relação às regiões produtoras, o Centro-Oeste apresenta os maiores percentuais de redução de área plantada. A maior queda acontece no Mato Grosso do Sul com 22%, em seguida Mato Grosso com 17% e Goiás com 16%. As demais regiões apontam um equilíbrio de intenção de plantio para a atual safra quando comparada à safra passada.

Para os analistas de mercado, a retração da área plantada com o algodão pode ser explicada pelos baixos preços do produto, tanto no mercado interno como externo; pela política cambial e pelo alto custo de produção, além das desvantagens competitivas com relação à soja.

MERCADO

A cotação do algodão encerrou o mês de outubro em ligeira alta na Bolsa de Mercadorias de Nova York, apesar das baixas generalizadas de outras commodities, isto em função das condições climáticas adversas nas regiões produtoras dos Estados Unidos o que tem afetado, de forma significativa, a colheita do algodão.

Quanto ao mercado interno, o algodão em pluma fechou o mês de outubro com preços firmes sendo cotado a R\$ 1,21 a libra-peso, contra a cotação de setembro que fechou o mês em torno de R\$ 1,14 a libra-peso.

CAFÉ

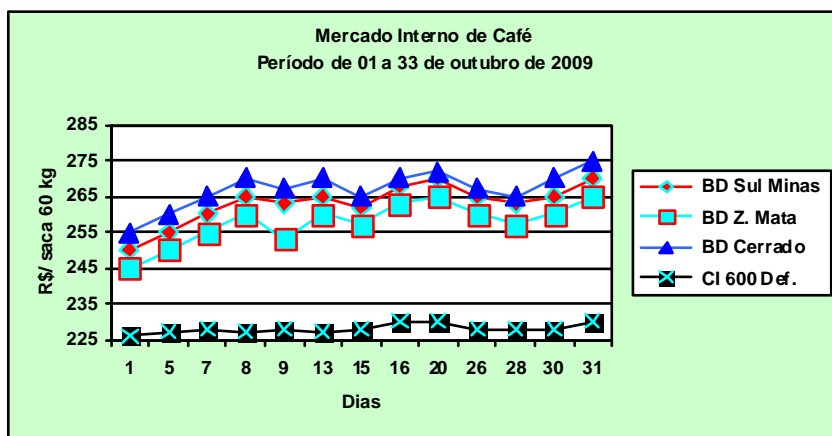
Marcelo de Pádua Felipe
E-mail: mpfelipe@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349.8149 Belo Horizonte – MG

COTAÇÕES

ESCASSEZ DE OFERTA DE CAFÉ DE QUALIDADE.

Em meio às subidas e descidas nas cotações do café, o saldo em outubro foi positivo e melhorou ainda mais no encerramento do mês, em função da escassez de oferta de qualidade aliado à retransa dos produtores. A ponta vendedora continua retraída aguardando o desenrolar das entregas e ressarcimento dos primeiros lotes relativos ao exercício das opções de venda de café para o governo federal. O comportamento dos detentores dessas opções sinalizará o andamento e os preços no mercado físico brasileiro neste final de ano.

O preço da bica dura de café arábica tipo 6,0 com bom aspecto e catação, no início do mês de outubro chegou a ser negociada a R\$ 255,00 a saca de 60kg no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, trocando de mãos no final do mês a R\$ 275,00 a saca, com ganho de R\$ 20 por saca (7,8%).



Preços médios para cafés com bom aspecto e com catação de 10% a 20%, por saca de 60 kg.
Fonte: Safras & Mercado, CCVV, Gazeta Mercantil, Carvalhaes e Cooperativas de Cafeicultores.
Elaboração: Emater-MG

Tendência: O produtor continua na retransa aguardando uma melhor remuneração futura, especialmente para o café com qualidade mais alta de bebida, mesmo com o mercado remunerando acima do mínimo de R\$ 261,69 a saca de bebida boa.

LAVOURA

CHUVAS PREJUDICAM AS FLORADAS NO SUL DE MINAS GERAIS.

O excesso de chuva “**freqüente e intenso**” que incide sobre as lavouras cafeeiras tem prejudicado o desenvolvimento das floradas e poderá contribuir por reduzir a futura safra afetando a produtividade.

Segundo a Cooxupé, em Guaxupé no Sul de Minas Gerais, em outubro a precipitação foi

de 262,8 milímetros, o maior volume dos últimos 17 anos. Em setembro, a região registrou 215,8 milímetros de chuva, o maior volume desde o início da série histórica, em 1960.

Nos últimos meses, os cafeeiros tiveram várias floradas, com grande desigualdade. Os grãos não estão se desenvolvendo adequadamente e a expectativa é de que a próxima safra no Sul de Minas Gerais tenha uma quebra em torno de 30% em relação à safra anterior.

DESÁGIOS

MAIOR VALORIZAÇÃO PARA AS BEBIDA DURA E FINA

No Sul de Minas Gerais, tendo como base os preços líquidos praticados pela Cooperativa dos Cafeicultores de Três Pontas - **Cocatrel** apontam um deságio de R\$ 75,00 por saca de 60kg para o Café Rio/Consumo Interno no fechamento do mês de outubro. **Confira na tabela a seguir:**

Deságios – 30/10/2009					
Café (75,00)	Rio/C.	Interno	Café (5,00)	manchado	
Café (30,00)		Riado	Café (6,00)	chuvado	
Café (35,00)	Duro/	Riado/Rio	Café (30,00)	discrepante	
Café (30,00)	com	seca má	Café (35,00)	muito discr/barrento	
Base - Dura/Melhor defeitos R\$ 260,00		60 defeitos	R\$ 262,00	6 Base	80
7 Base defeitos R\$ 241,00		160 defeitos	R\$ 252,00	7 Base	270
Café com mais de 270 defeitos → deságio de R\$ 1,00 a cada 10 defeitos					

Fonte: Cocatrel – livre de impostos sujeitos apenas ao seguro.

Tendência: O café Rio tipo 7 da Zona da Mata de Minas Gerais segue penalizado pelo excesso de oferta da bebida, reflexo ainda da alta umidade na colheita. Eleva-se consideravelmente o deságio em relação à bebida dura e fina.

PODER DE TROCA DO CAFE

A relação de troca entre os fertilizantes, equipamentos, mão-de-obra e a saca de 60kg de café continuam ainda desfavoráveis ao cafeicultor. Quando se compara as médias de 1997 com 2007 a relação dobra mostrando a defasagem de preço.

Sacas de café tipo 6 necessárias para adquirir

Produto	Média 1997	Média 2007	Dezembro 2008
Ureia (t)	1,75	3,94	3,59
NPK 20-05-20 (t)	1,48	3,42	4,56
Roundup (5,0 L)	0,21	0,28	0,44
Arbus			
400 (Unid.)	18,28	43,16	49,42
Mão de obra (d/h)	0,04	0,09	0,10
Waltra			
65 4x2 (Unid.)	101,58	227,43	219,84

Fonte: Cooparaiso

LEILÃO DE CAFÉ

QUALIDADE É PREMIADA NO VI CONCURSO DE QUALIDADE DOS CAFÉS DO ESTADO DE MINAS GERAIS.

Em cerimônia de premiação realizada na Universidade Federal de Lavras (Ufla), os 10 vencedores do VI Concurso de Qualidade dos Cafés do Estado de Minas Gerais tiveram os seus lotes vendidos em leilão. O encerramento do concurso contou com as presenças do Secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento Gilman Viana, do reitor da Ufla, Antônio Nazareno Mendes, do presidente da Emater-MG, José Silva Soares e do deputado federal, Silas Brasileiro.

Na categoria natural, o melhor café foi da região Sul de Minas, do município de Monte Santo de Minas, de propriedade do senhor Carlos Roberto Medeiros. O lote de 15 sacas recebeu a excelente pontuação de 85.8 na escala BSCA (Associação Brasileira de Cafés Especiais), sendo arrematado por R\$ 2.200,00 a saca.

OS VENCEDORES

CATEGORIA NATURAL - PREMIADOS

Nome	Município	Lote (sc)	Valor (R\$/sc)	Comprador
1. Carlos Medeiros	Monte S. de Minas	15	2.200	Café Toko e Bourb. Coffees
2. Francisco Lotufo	Pocos de Caldas	10	470	Bourbon Coffees
3. José R. Canato	Carmo de Minas	21	500	Lucca Café e Unique Cafés
4. Marcos A.V. Rios	Albertina	10	410	Sindicafé/MG
5. José F. Miarelli	Campos Gerais	30	400	Sindicafé/MG

Já o campeão da categoria cereja descascado foi do município de Machado, também no Sul de Minas, de propriedade do senhor Luiz Carlos Garcia, que recebeu o lance máximo do leilão, sendo vendido para um consórcio de empresas no valor de R\$ 2.500,00 a saca.

CATEGORIA CEREJA DESCASCADO – PREMIADOS

Nome	Município	Lote (sc)	Valor (R\$/sc)	Comprador
1. Luiz c. Garcia	Machado	30	2.500	Consórcio *
2. Ralph C. Junqueira	Carmo de Minas	21	530	Lucca Café
3. Marcelo C. Ferraz	Dom Viçoso	10	510	Unique Cafés
4. Edinilson A. Dutra	S.João Manhuaçu	21	420	Sindicafé/MG
5. José R. Canato	Carmo de Minas	22	400	Unique Cafés
* Café Toko, Baronesa, Unique Cafés e Lucca Café				

Além do Sindicato da Indústria do Café de Minas Gerais (Sindicafé-MG) representado pelo presidente Almir José da Silva Filho, sete empresas participaram do leilão dos cafés vencedores. Todos os lotes foram arrematados pelo preço mínimo de R\$ 400,00.

FESTIVAL GASTRONÔMICO

Uma mesa farta de “delícias do café” marcou a cerimônia de encerramento da sexta edição do Concurso de Qualidade dos Cafés de Minas Gerais. Os quitutes a base de café foram avaliados por um júri e premiados os três melhores doces e as três melhores bebidas. Dircelene de Melo (Divisa Nova), Célia Almeida Miranda (Muzambinho) e Beatriz Silvério (Santa Rita do Sapucaí) foram as vencedoras na categoria “**bebidas de café**”. Na categoria “**doces**”, as premiadas foram: Edna Maria dos Santos (Alfenas), Vera Lúcia Soares (Santa Rita do Sapucaí) e Maria Oliveira (Carmo do Rio Claro).

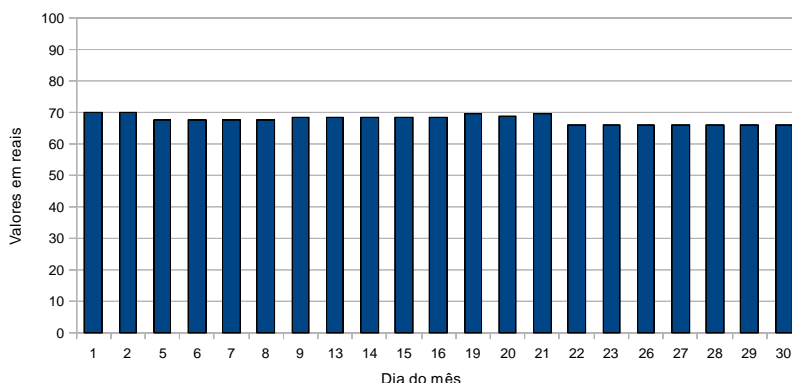
FEIJÃO

Wilson José Rosa
E-mail: wjrosa@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349.8170 Belo Horizonte – MG

O mercado do feijão começou o mês de outubro sem muita expectativa de recuperação nos preços. No primeiro dia os preços no mercado variaram entre R\$ 60,00 e R\$ 65,00 a saca de 60kg nos estados de Goiás e de Minas Gerais, segundo a Consultoria Correpar Corretora de Mercadorias. O mês de outubro, mais uma vez, se caracterizou pela alternância entre a redução e aumento da oferta, quase sem oscilações nos preços no mercado brasileiro, sendo que a média de preços do mês foi ainda menor que a do mês anterior. A oferta de produto de melhor qualidade, nota 9 e 13, foi reduzida. O início da colheita 2009/2010 em municípios do estado de São Paulo, começa a suprir parte da ausência de feijão tipo 1. E as ações do governo federal para regular o mercado de feijão, ajudaram a enxugar o excesso de oferta, após uma safra cheia, mas não foram suficientes para alavancar os preços pagos ao produtor que permaneceu abaixo do preço mínimo de R\$ 80,00. Os preços continuam na dependência de um fato extraordinário que possa alterar essa situação de estabilidade total.

As pequenas reações dos preços são acompanhadas de maior oferta, puxando os preços novamente para baixo. O mercado comprador continuou com seu comportamento muito cauteloso, adquirindo quantidades para atendimento imediato de suas demandas. Esta cautela refletiu mais uma vez em uma baixa demanda e na manutenção dos preços muito estáveis durante todo o mês, como mostra o gráfico de preços praticados no município de Unaí, no Noroeste Mineiro.

Preço médio do feijão, saca de 60kg em Unaí (MG), Outubro/2009



Fonte. Safras & Mercado

O segundo levantamento da safra 2009/2010 feito pela Companhia Nacional de Abastecimento, Conab, divulgado no início de outubro, aponta uma estimativa de área plantada com a cultura de feijão entre 4.122,4 e 4.149,5 mil hectares, uma redução entre 0,4% e 1,1% em relação à área de 4.149,5 mil hectares plantada no ano anterior. Para a produção a estimativa do mesmo levantamento é de 3.595,0 a 3.594,0 mil toneladas, aumento entre 2,2% e 3,3% em relação à safra passada.

FEIJÃO 1ª SAFRA

Para o plantio da primeira safra, a área plantada está estimada entre 1,40 e 1,42 milhão de hectares, o que configura uma redução entre 3,2% e 1,3% em relação à safra passada. Apenas os estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul não apresentaram redução na área plantada. O preço baixo na comercialização é um dos principais fatores para esse decréscimo de área, segundo a Conab.

O bom volume de chuvas ocorrido na região Centro-Sul, neste início do período chuvoso, tem sido bastante vantajoso para as áreas já plantadas. Contudo a alta precipitação pode favorecer a desenvolvimento de doenças nas lavouras do feijão altamente susceptíveis sob regime de alta umidade.

No estado do Paraná, maior produtor de feijão de primeira safra, deve ocorrer uma redução na área plantada entre 11% e 8%, com uma área plantada entre 322,2 e 333,0 mil de hectares.

Em Minas Gerais o segundo maior produtor de feijão de primeira safra, a estimativa é de redução de 1,6%, até a manutenção da área plantada no ano anterior.

Já o estado de São Paulo aponta para um crescimento de área plantada entre 15,0% e 20,0% na primeira safra.

MILHO

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8138 - Belo Horizonte/MG

REDUÇÃO DE ÁREA NA SAFRA DE VERÃO

Diante do comportamento da comercialização do milho em 2009, o último levantamento da Conab, apontava uma expectativa de redução em torno de 6% da área brasileira para a safra 2009/2010. Algumas fontes formadoras de opinião acreditam que este percentual estava baseada em levantamentos com mais de 30 dias, considerando que muitos produtores não deverão cultivar o cereal nessa safra de verão e migraram principalmente para a soja.

Para Jorge Rodrigues, coordenador de grãos da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), os dados da Conab foram levantados quando a expectativa de plantio estava melhor, bem diferente do momento atual. Entende Jorge Rodrigues que no próximo levantamento da Conab, deverá acontecer uma revisão no tamanho da área cultivada, visto que foi grande o número de produtores de milho no Rio Grande do Sul que deixaram de plantar nesta safra de verão, inclusive com a devolução de sementes já adquiridas.

PREÇOS ESTÁVEIS EM PATAMARES BAIXOS

Embora em alguns locais os preços tenham acusado pequenas variações positivas, na maioria continuam com valores estáveis e, em outros tiveram leves baixas, como é o caso de São Paulo e Goiás. Na região da Mogiana (SP), as cotações no final de outubro e início de novembro se situaram no patamar entre R\$ 18,50 e R\$ 19,00 o saco de 60 kg. Em Goiás o preço esteve cotado a R\$ 15,50 o saco. No oeste do Paraná, em Cascavel por exemplo, o produto ficou entre R\$ 18,00 e R\$ 19,00 o saco. A cotação mais alta aconteceu na região de Erechim (RS), que apresentou os valores entre R\$ 20,00 e R\$ 21,00 o saco de 60 kg.

Como em outubro a exportação de frango foi a melhor do ano e pelo interesse dos mercados tradicionais e de outros novos como a China, espera-se que o Brasil possa avançar na venda de carnes de frango e continuar exportando a carne bovina o que, com certeza, aumentará também o consumo de milho e por consequência o preço deste cereal.

ESTOQUES E EXPORTAÇÕES

O Brasil deverá findar o ano com um estoque substancial de milho, principalmente no estado do Mato Grosso. Espera-se que esta situação não venha comprometer a estocagem de

soja após a colheita da produção no início do próximo ano, como já preconizam alguns segmentos.

O Governo Federal tem ajudado a classe produtora, entretanto a saída para uma melhor situação no comportamento de escoamento do produto, com redução nos estoques, envolve a necessidade de mais leilões da Conab e o aumento das exportações, embora tenha aumentado gradativamente nos últimos meses, mas ainda insuficiente para uma diminuição relevante do produto estocado. A valorização do real tem contribuído para a exportação, mas também tem colaborado para a importação de milho do Paraguai.

SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

A começar pela safra americana a situação das lavouras no quadro atual é positiva em relação à produção, considerando que as condições climáticas estão sendo favoráveis.

Na Argentina e no Brasil, ambos com diminuição nas áreas cultivadas de milho, a produtividade poderá cobrir parte da redução do volume da produção esperada em função, não só do comportamento do clima, como também da área plantada com sementes transgênicas.

Fonte: Safras, Cimiho, Conab.

SOJA

Willy Gustavo De La Piedra Mesones
E-mail: willy.gustavo@emater.mg.gov.br
Tel.: (34) 3338-5156 – Uberaba/MG

CLIMA PROPICIA PLANTIO ACELERADO

Enquanto na safra anterior a irregularidade climática no Brasil, com alternância de períodos muito chuvosos e outros marcados por estiagens prolongadas, promoveu comportamentos diferentes nas várias regiões produtoras que se materializou em altas e baixas produtividades de acordo com a localização geográfica, para a nova safra 2009/2010 é esperada a manifestação do fenômeno El Niño que, em geral, está associado à incidência de chuvas normais ou de maior intensidade, principalmente na região Centro-Sul do Brasil. O clima deve favorecer Minas Gerais, pois se espera que seja caracterizado por uma melhor regularidade das precipitações pluviométricas criando assim uma expectativa otimista entre os produtores. Esta mesma previsão é esperada em outros países produtores sul-americanos como Argentina, Paraguai e Uruguai, e em menor escala a Bolívia. Em contrapartida, é esperada ocorrência de chuvas abaixo da média na região Nordeste do Brasil.

E estas chuvas já se manifestam nas regiões produtoras favorecendo o plantio e contribuindo para o bom desenvolvimento das lavouras já implantadas. Assim, o plantio de soja avança de forma acelerada já atingindo em torno de 50% da área prevista para esta safra estimada em 22,62 milhões de hectares, o que representa uma área 4,1% maior que a safra anterior. E a boa notícia é que as chuvas começaram ainda em setembro e, em geral, o clima vem alternando períodos adequados de chuva e de sol facilitando o plantio e desenvolvimento da cultura. Além do clima, também são indicativos positivos a disponibilidade de crédito e o menor custo de produção que podem propiciar aos produtores uso de melhor tecnologia.

MERCADO INSTÁVEL E CONSUMO EM ALTA

O volume de produção norte-americano é o fator que mais influencia o mercado. Embora os dados ainda não sejam definitivos, a atual safra deste país deve se constituir em recorde, com 88,45 milhões de toneladas, o que seria 10% maior que a safra anterior em uma área a ser colhida de 31 milhões de hectares, 3% superior que no ano passado. Este comportamento também se manifesta, de forma geral, em todo mundo e assim estima-se que devem ser produzidas 246,07 milhões de toneladas, 17% a mais, já considerando o aumento de 31% na América do Sul. Estes indicativos fazem prever um aumento na produção de oleaginosas, indicando que nesta safra devem ser produzidas 425 milhões de toneladas de oleaginosas, o que

seria 8% maior que na safra passada, exclusivamente por conta da maior produção de soja.

Por outro lado, em função, principalmente, da recuperação da economia mundial, há sinalizações de um aumento de consumo de 4%, creditado à maior demanda por alimentos e produção de óleo, cujo consumo deve crescer 4% no Brasil, 13% na Argentina e 7% na China, principalmente na forma de biodiesel.

PREÇOS INICIAIS EM BAIXA COM POSTERIOR TENDÊNCIA A LEVE ALTA

Com estes indicativos em mãos, os especialistas acreditam que inicialmente os preços médios da soja e de outras oleaginosas devem ser relativamente baixos, mas com uma elevação gradativa ao longo do próximo ano, principalmente no óleo que deve acompanhar a reação prevista para o preço do petróleo, embora a China, que é o maior importador, tem prioridade pela compra de soja grão. Atualmente o mercado está apresentando muita irregularidade nos preços da soja e de seus subprodutos, tanto no mercado interno quanto na Bolsa de Chicago, mas com uma tendência imediata predominantemente declinante.

Preços praticados em diferentes regiões no Brasil

Local	Preços praticados (R\$/saca)			
	06/11/09	1 semana atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
Passo Fundo/RS	45,50	46,00	46,00	46,50
Rondonópolis/MT	40,50	42,00	41,50	40,70
Mogiana/SP	45,50	46,00	46,00	44,00
Uberlândia/MG	45,00	45,50	44,00	43,00

Fonte: Safras & Mercado, Conab, Emater-MG

TOMATE

Georgeton S. R. Silveira
E-mail: georgeton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8148 - Belo Horizonte/MG

COMPORTAMENTO

Os preços em outubro do tomate in natura, segundo a Ceasaminas, no entreposto de Contagem foram de:

- Tomate AA dos grupos Longa Vida R\$ 37,33 e Santa Cruz, R\$ 36,08, preço médio, caixa com 22 kg.

- Tomate classe A dos grupos Longa Vida R\$ 21,25 e Santa Cruz, R\$ 21,08 a caixa com 22 kg.

Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas de 04 a 06 de novembro, os valores do tomate in natura praticados nos hipermercados e supermercados da Grande BH, obtiveram o preço médio de R\$ 3,08/kg e nos sacolões R\$ 2,70/kg, sendo o preço médio no varejo de R\$ 2,93/kg. No atacado, no mesmo período, o preço pago foi de R\$1,27/kg. No comparativo de preços no varejo em relação ao atacado houve uma variação de 130,70%.

No mês de outubro, os preços da caixa de tomate comercializada no atacado, alcançaram os maiores valores até o momento registrados pelo mercado, (ver gráfico). Esta variação de preços para cima é reflexo do período de entressafra do produto. A baixa oferta de tomate no mercado e a conseqüente alta de preços está dentro da normalidade estabelecida para o período.

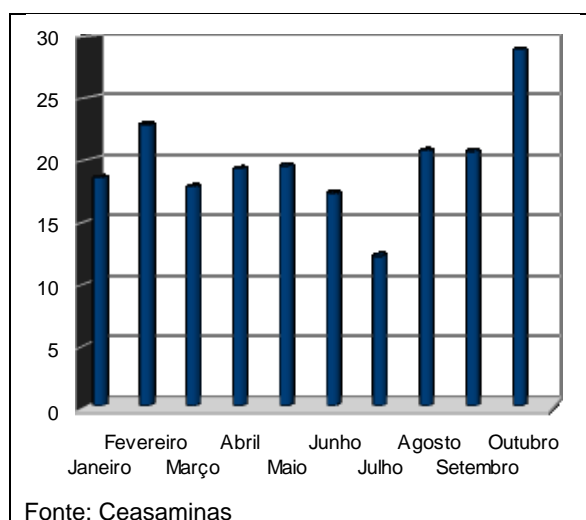
TENDÊNCIAS

Em novembro, a tendência é de que os preços no atacado se mantenham nos mesmos níveis de outubro, pois há um aumento no consumo de tomate, principalmente devido à elevação da temperatura ambiente e à menor oferta de produto ao mercado com a entressafra.

O produtor vem se mantendo mais cauteloso neste fim de ano, devido às informações da meteorologia que sinalizam a incidência de chuvas pesadas para as estações da primavera e do verão.

Para o agricultor, com o período de chuvas, o momento é de cautela para o cultivo do tomate, mesmo em regiões tradicionais de plantio nesta época, pois os riscos e os custos são altos. O cultivo de um hectare de tomate com nível tecnológico alto apresenta um custo total em torno de R\$ 45.000,00, (custo operacional mais custos fixos, como depreciação de bens duráveis e fatores de remuneração de capital, entre outros).

Preços médios pagos pelo tomate na Ceasaminas, caixa de 22 kg. Valores em Reais



FRUTICULTURA

Deny Sanábio
E-mail: sanabio@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8117 - Belo Horizonte/MG

FORTALECIMENTO DA FRUTICULTURA NO VALE DO JEQUITINHONHA

A Ceasaminas assinou no dia 3/11/09, em Diamantina (MG), um protocolo de intenções com diversas instituições públicas e privadas que permitirá avaliar a implantação de uma central de abastecimento regional no município, onde deverão ser investidos, através da Fundação Vale, cerca de R\$ 10 milhões. A possibilidade de implantação de uma Ceasa local visa fomentar a produção regional de hortigranjeiros e outras mercadorias típicas ligadas, por exemplo, ao extrativismo e artesanato.

O documento foi assinado pelo presidente da Ceasaminas, João Alberto Paixão Lages. Envolvidos no processo estão a Secretaria Extraordinária para o Desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha e do Norte (Sedvan), Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste De Minas Gerais (Idene), Prefeitura Municipal, Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Secretaria de Estado de Educação, Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Associação dos Municípios do Alto Jequitinhonha e Fundação Vale do Rio Doce.

CLIMA INTERFERE NA OFERTA E QUALIDADE DE HORTIFRUTIS

A ocorrência de chuvas fortes e irregulares nas últimas semanas de outubro, “castigaram” os produtores de frutas em quase todo o estado de Minas Gerais. O excesso de chuvas interfere na produção, na qualidade dos produtos, no aparecimento de pragas e doenças e também no transporte da propriedade para os locais de comercialização. A chuva seguida de temperaturas altas interfere no amadurecimento das frutas antecipando a colheita. A perda na qualidade reduz o preço das mercadorias nas centrais de abastecimento (Ceasas), e não bastasse isso, os produtores observam ainda que a procura está abaixo da média.

As frutas começam a baratear no atacado – do produtor para o comércio – e o varejo repassa ao consumidor parte da redução negociada com os fornecedores. Na Ceasaminas, entreposto de Contagem, 12 itens do conjunto de hortifrutis vendidos no Mercado Livre do Produtor (MLP), mostraram preços inferiores no mês de outubro, até 51,3% mais baixo ante o mês anterior, conforme pesquisa da Seção de Informações de Mercado da Central de Abastecimento. Nas prateleiras dos supermercados e sacolões, a queda dos preços ainda é discreta, de acordo com o levantamento de preços da Fundação Ipead, que compõe a pesquisa de Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Das frutas que baratearam na Ceasaminas, a que mais chamou a atenção foi o mamão que apresentou redução expressiva no varejo em outubro, chegando a 30,6%.

Os efeitos que as mudanças de clima, inclusive aquelas repentinas, provocam nas lavouras, também afetam bastante os preços no comércio. Por enquanto não há nenhuma preocupação com o fornecimento de frutas até o Natal. O consumidor pode esperar baixas de preços das frutas como o pêssego, manga, maçã e uva para os próximos meses. A explicação pode ser o aumento na oferta, mas é bom lembrar que qualquer fator, como por exemplo o excesso de chuvas, pode provocar prejuízos nos pomares, e se a oferta diminuir os preços voltam a subir

Fonte: <http://www.portalangop.co.ao/> , Ceasaminas, Jornal Estado de Minas, Fundação Ipead.

BANANICULTURA DO NORTE DE MINAS

Durante o mês de outubro os preços da **banana nanica**, no Norte de Minas, mantiveram-se estáveis até a última semana quando sofreu significativo aumento de 25% passando de R\$ 8,00 para R\$ 10,00. Com relação à **banana prata** os preços reagiram já a partir da primeira semana, com variação de 14,2% passando de R\$ 7,00 para R\$ 8,00. E a tendência de aumento do preço da prata permaneceu durante o mês, com o preço da caixa de 22 kg fechando a R\$ 12,00.

O aumento do preço da prata praticado na região tem como explicação a diminuição da oferta, já que a região encontra-se no fim do período da safra. Outro fator que influenciou no aumento foram as fortes chuvas registradas na região durante a segunda quinzena do mês, o que resultou em diminuição da temperatura e luminosidade, atrasando assim a chegada dos cachos. Dessa forma a redução no volume da fruta no norte de Minas Gerais também sustentou as cotações paulistas. Com a baixa da oferta da banana nanica no mercado interno, e o volume da fruta na região do Norte de Minas continuando alto, compradores de São Paulo aumentaram o volume de negociações da variedade nessa região e na região de Bom Jesus da Lapa. Outro fator que influenciou o aumento dos preços da nanica no Norte de Minas, foi o aumento da cotação da prata, que deixou de ser atrativo para o consumidor, aumentando assim o consumo da banana nanica.

Para as próximas semanas, no Norte de Minas, a menor produção da variedade prata devido à menor insolação ocorrida durante o período chuvoso, fenômeno denominado pelos produtores locais como “inverno”, deve manter tendência de aumento das cotações, já que este fator leva a uma diminuição do tamanho dos cachos e da fruta. O excesso de chuva e o frio prolongado no norte de Santa Catarina podem acarretar atraso da safra, reduzindo o volume da fruta na região, o que pode favorecer as cotações da banana nanica no Norte de Minas para as próximas semanas.

Preços pagos ao produtor na propriedade, cx de 22 kg.

Data	Banana Prata	Banana Nanica
01/10	7,00	8,00
05/10	8,00	8,00
10/10	10,00	10,00
13/10	12,00	8,00
22/10	12,00	10,00

Colaborou com a análise de Banana:

Raimundo Mendes de Souza Júnior- E-mail: raimundo@emater.mg.gov.br

BOI GORDO

José Alberto de Ávila Pires

E-mail: xapeco@emater.mg.gov.br

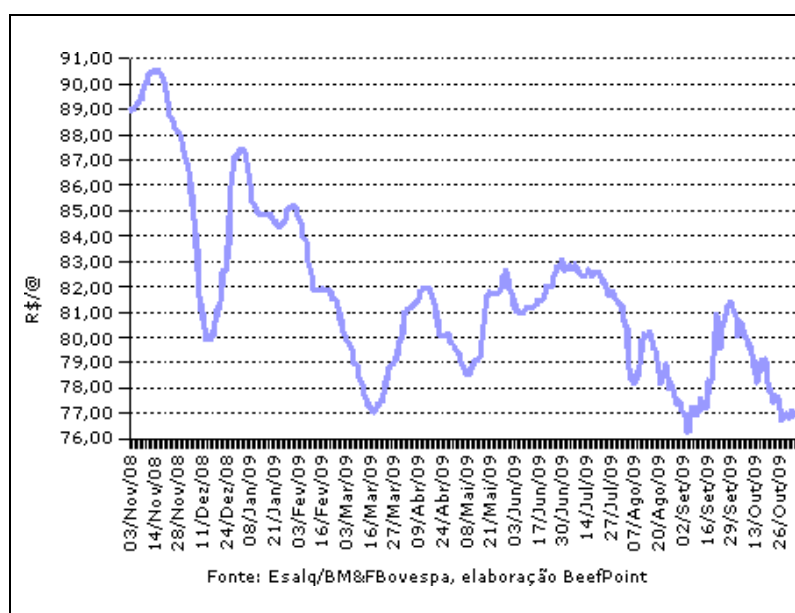
Tel.: (31) 3349-8116 - Belo Horizonte/MG

ENTRESSAFRA: QUEDA DE PREÇOS

A concentração de oferta de boi confinado nesta entressafra (2.009) tem sido apontada como uma das responsáveis pela queda dos preços da arroba do boi gordo. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Agrícola (Cepea), da Esalq/USP, em nota publicada dia 05/11/2009, " nos últimos dias, a pressão exercida, sobretudo pelas escalas alongadas de frigoríficos, tem levado pecuaristas a aceitar os valores ofertados pelos compradores... ".

Na primeira semana de novembro/09, o indicador Esalq/BM&FBovespa boi gordo a prazo esteve cotado a R\$ 77,00 o que representa uma queda de 15% em relação à primeira semana de novembro de 2.008 (um ano). No mês de outubro/09 a variação acumulada foi de -5,38%. Uma queda de R\$ 81,00 para R\$ 77,00. (Fonte BeefPoint). Ver Figura 1.

Gráfico 1. Indicador Esalq/BM&FBovespa boi gordo a prazo



Para o boletim semanal de Safras & Mercado, de 02/11/2009, "o mercado do boi gordo aguarda o encerramento (venda) de lotes de confinamento...", a partir de 09/11/2009 a dúvida relevante é se a mesma pressão de venda de confinamento ainda persistirá e a preços baixos e, ainda, se a entrada de gado de pastagem não irá surgir de forma antecipada (chuvas chegaram

mais cedo em 2.009), aceitando as condições de preços que estão dispostas no mercado. É um período de transição – final do gado confinado e início da safra 2.010 de gado de pastagem –, em que a retenção do gado de pasto é importante para desencadear um processo de sustentação de preços de 15 de novembro a 15 de dezembro/2.009... período de maior fluxo de demanda (festas de fim de ano)... as pastagens estão em ótimas condições (chuvas antecipadas), o que possibilita esta situação de reter a venda ("reter o boi no pasto"), forçando alguma correção de preços... e também houver alguma recuperação das exportações neste final do ano (2.009), há espaço para alguma recuperação nos preços do boi gordo... Isto é importante até para que a safra de 2.010 (janeiro a junho) não se inicie com uma referência de preços abaixo de R\$ 75,00 por arroba, em São Paulo", conclui a análise de Safras & Mercado.

MERCADOS REGIONAIS

No dia 09 de novembro de 2009, segundo Safras & Mercado, "o pecuarista não diminuiu o volume de entregas nos frigoríficos, as escalas continuam alongadas e a demanda, mesmo melhorada, não é suficiente para puxar os preços do boi gordo"...

Nas principais regiões produtoras, as cotações da arroba, apresentaram as seguintes cotações (valores para desconto de Funrural e 30 dias para pagamento): no estado de São Paulo a R\$ 76,00, com "indicações" de R\$ 72,00 livre e à vista... nos estados de Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais cotações de R\$ 71,00 e R\$72,00 valores brutos e a prazo.

**Tabela 1 – Cotações de bovinos (Coleta de dados - 05 e 07 de novembro de 2.009)
Em Reais/Arroba**

Região de MG	Município referência	Boi rastreado (1)	Boi não rastr. (2)	Vaca (3)	Bezerro
Triângulo Mineiro	Uberaba	73	68 - 70	68 - 71	550 - 560
Norte de Minas	Montes Claros	72 - 74	71 - 73	68 - 70	580 - 600
Central	B. Horizonte	-	72 - 75	60 - 69	400 - 520
Noroeste	Unaí	70 - 72	70 - 71	65 - 66	370 - 460
Zona da Mata	Muriaé	-	70 - 75	65 - 70	450
Rio Doce	Gov. Valadares	-	72 - 73	65 - 70	450 - 480
Sul de Minas	Alfenas	80	75	70	550

(1) Boi gordo para abate, tipo exportação, acima de 16 arrobas (peso morto);

(2) Boi gordo para abate, mercado interno, acima de 15 arrobas (peso morto)

(3) Vaca gorda para abate, mercado interno, acima de 12 arrobas (peso morto);

Nota: Cotações livres de Funrural e 30 dias para pagamento.

Fonte: Asmec/Emater-MG

A tabela 1 mostra o levantamento feito pela Emater-MG em diversas regiões de Minas Gerais dos preços do boi gordo e vaca gorda prontos para abate, e do bezerro de corte Nelore ou Anelorado. O resultado indicou preços estáveis em relação ao mesmo período do mês anterior (out/09).

As informações estão disponíveis semanalmente e podem ser obtidas através dos telefones (31) 3349- 118 ou 3349-8116, falar com Ary, ou pelo e-mail: xapeco@emater.mg.gov.br

CENÁRIO 2009/2010

Pouca liquidez e indicativos de preços estáveis no momento atual (09/11/09). Este tem sido o comportamento do Mercado Futuro do Boi Gordo, da Bolsa de Mercadorias e de Futuros&BMFBovespa.

No dia 09 de novembro os negócios realizados neste mercado indicavam entre R\$ 76,00 e R\$ 77,00 por arroba no meses de novembro/09 a maio/10. Com relação aos contratos negociados

no dia, novembro/09 apresentou cerca de 2.400 contratos e 48 mil bois, e dezembro/09 um total de 455 contratos com 9 mil bois.

Para o ano 2010, o Mercado Futuro do Boi Gordo, da Bolsa de Mercadorias e de Futuros&BMFBovespa permanece na “expectativa”, poucos negócios realizados, menos de 20 contratos por dia. Ou seja, mercado praticamente parado.

FRANGO E OVOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

Nos primeiros nove meses de 2009, enquanto as exportações brasileiras totais de carne de frango, em volume, recuaram quase 4%, as de **frango inteiro** aumentaram 1,5%, superando ligeiramente um milhão de toneladas. Como, porém, o preço médio pago pelo produto recuou 20%, a receita cambial propiciada pelo frango inteiro apresentou decréscimo de 18,8%. É interessante observar que, embora se trate de um mesmo produto, frango inteiro, os preços registrados apresentaram sensível variação de estado para estado. Assim, enquanto a média nacional girou em torno de US\$ 1.382/tonelada, o menor preço (US\$ 1.153/t) foi registrado em Goiás, enquanto o maior, (US\$ 1,683/t), ocorreu em Mato Grosso. Isso se deve não só aos diferentes mercados atendidos, mas também às características do frango inteiro exportado, com duas a três libras/peso; ou frango normal, com mais de 2 kg de peso. Fonte: Avisite

Mesmo não repetindo os bons resultados da semana anterior, na quarta semana de outubro as **carnes** apresentaram um nível de desempenho que pode ser caracterizado dos mais satisfatórios. A receita média diária das exportações de carnes ficou em US\$ 52,717 milhões, valor que, embora quase 8% menor que o da terceira semana, manteve a média diária de outubro 13,4% acima da registrada em setembro. Prevalece a queda em relação ao mesmo mês do ano passado de 15,2%, mas os índices de redução já são bem menos significativos. O índice de redução atual é o segundo menor dos últimos doze meses, perdendo apenas para o índice registrado em abril, quando foi registrada queda de cerca de 8% em relação ao mesmo mês do ano passado. Neste caso, porém, a diferença menor não foi devida a uma recuperação das exportações e, sim, à baixa base de abril de 2008. Fonte: Avicultura Industrial

Graças a uma melhor adequação da produção à sempre fraca demanda de todo final de mês, a valorização do **ovo** iniciada na terceira semana de outubro teve continuidade na quarta semana do mês. Nada, entretanto, capaz de tirar o prejuízo do produtor que continua a registrar uma das piores remunerações de todos os tempos. Até agora o ovo registra no mês preço médio de R\$ 30,85/caixa, valor 18,64% e 8,94% menor que o registrado, respectivamente, há um ano (outubro de 2008) e há um mês (setembro de 2009). Já o valor médio alcançado nas 43 semanas já decorridas do ano é de R\$ 39,80/caixa, valor 8,76% inferior ao alcançado no decorrer dos 12 meses do ano passado. Fonte: mercadodoovo.

Repetiram-se para o **frango vivo** em outubro os mesmos acontecimentos registrados cerca de sessenta dias atrás (segunda quinzena de agosto), ocasião em que os preços pagos ao produtor sofreram forte queda. Os preços praticados, estáveis nas três primeiras semanas do mês, recuaram em média quinze centavos em menos de uma semana, dando a entender que, independente do menor consumo neste período do mês, a oferta de aves vivas encontra-se bem acima da demanda, com penalização maior de quem atua no mercado de maneira independente. Em consequência, embora não tão baixo quanto o de setembro, o preço médio de outubro deverá ficar ligeiramente acima do registrado em agosto, por ora o segundo menor deste ano. Fonte: Avisite.

Cotações de frangos (R\$/kg)

Frango	Atacado FOB	
	30/09/09	31/10/09
Abatido	2,60	2,60
Resfriado/Atacado	2,40	2,40
Vivo com ICMS	2,24	2,24
Vivo Diferido	1,65	1,60
Vivo Integração		

Fonte: Avimig

Cotações de ovos (R\$/cx30dz)

Ovos	30/09/09	31/10/09
Extra	35,00	41,00
Grandes	34,00	44,00
Médios	33,00	39,00
Pequenos	31,00	37,00
Vermelhos	38,00	45,00

Fonte: Avimig

Cotações de aves de descarte (R\$/kg)

Aves de descarte	Atacado	
	30/09/09	31/10/09
Poedeira de Corte	1,30	1,00
Poedeira Branca	0,50	0,50
Matriz Vermelha	0,50	0,60

Fonte: Avimig

TENDÊNCIAS

Com a oferta de aves vivas bem acima da demanda, penalizando principalmente quem atua no mercado de maneira independente, o preço médio do frango vivo deverá permanecer estável nos próximos dias, até que a relação demanda/oferta se equilibre ou que o consumo aumente em função das festas de fim de ano. Fonte: Aviste

Sem alterações nos preços, o mercado do ovo segue com um relativo equilíbrio entre oferta e demanda, garantindo assim uma esperança de melhores preços nos meses que encerram o ano de 2009. Fonte: mercadodoovo.

SUÍNOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

Em 24 de outubro próximo passado a pauta fiscal de suínos teve reajuste de 5%. A pauta é o valor tomado como base pelo governo para a cobrança do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). A portaria da Secretaria de Fazenda elevou o valor da pauta fiscal De R\$ 1,81/kg para R\$ 1,90 nas operações internas. Já nas operações interestaduais sobe de R\$ 2,05 para R\$ 2,16. Coincidentemente esta elevação acontece justamente neste período em que a demanda pelo produto aumenta em função das festas de fim de ano e o preço também costuma subir. Fonte: Campo Grande News.

As cooperativas brasileiras projetam um aumento dos embarques de carne suína até o final deste ano. O desempenho dos países árabes como importadores levou a Organização das Cooperativas Brasileiras a estimar que, até o final do ano, devam ser embarcados para região, 20% do embarque destinado ao mercado externo. Hoje o mercado árabe compra 16,3% do total exportado por essas empresas. Até o ano passado, compravam apenas metade deste volume (13,8%). No primeiro trimestre de 2009, as cooperativas brasileiras exportaram US\$ 108 milhões para os países árabes. De acordo com estudo da OCB os três maiores importadores árabes, (Arábia Saudita, Emirados Árabes e Argélia) representam 85% das exportações das cooperativas brasileiras para a região. Fonte: Canal Rural

Segundo as Bolsas Estaduais, as cotações suinícolas mostraram-se firmes em todas as praças no mês de outubro. Uma tendência de valorização de preços ainda é verificada em Santa Catarina e Minas Gerais. São Paulo tem tendência de leve queda na cotação. No Rio Grande do Sul, sem a realização de bolsa, preço médio da carne suína está subindo. Minas Gerais aumentou R\$ 0,10 fechando a R\$ 2,80/kg suíno, informou a Associação dos Suinocultores do Estado de Minas Gerais (Asemg). Ao longo dos anos, neste período há uma valorização natural em decorrência da elevação do consumo por causa das festas de final de ano. Fonte: Suinocultura Industrial.

COTAÇÕES SUÍNO (R\$) -				
31/10/2009				
SP	2,72	PR	2,45	SC 2,35 GO
	2,80	RS	2,38	MG 2,80 MS 1,90
MT	2,30			

Fonte: Asemg

TENDÊNCIA

A cotação do preço da carne suína permaneceu firme ao longo do mês de outubro. Uma tendência de valorização de preços pode ser verificada em decorrência da elevação do consumo por causa das festas de final de ano e do equilíbrio entre demanda e oferta. Fonte: Suinocultura Industrial.

LEITE

Cintha Leite Madureira de Oliveira
E-mail: cinthya@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

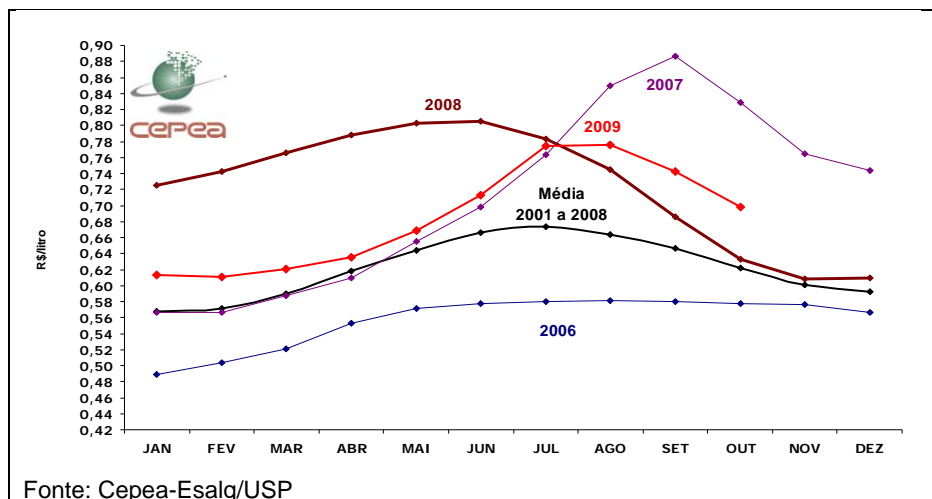
MERCADO

O levantamento realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP mostra que houve queda nos preços pagos aos produtores de leite, de quase 4,5 centavos por litro, ou 5,95%, de setembro para outubro, referente à produção entregue em setembro. Estes números referem-se à média ponderada por estados de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA, pesquisados pelo Cepea.

Os fatores para a desvalorização no mês de outubro continuam os mesmos de setembro, quando o valor médio recuou mais de 3 centavos: maior produção e queda nos preços dos

derivados. O aumento da produção de leite nas principais bacias leiteiras favorecido pelas chuvas regulares, tem pressionado o mercado mantendo os preços baixos. Segundo a Scot Consultoria, o pico de preço de leite ao produtor aconteceu em agosto. Em setembro e outubro, a queda nos preços foi de 10%.

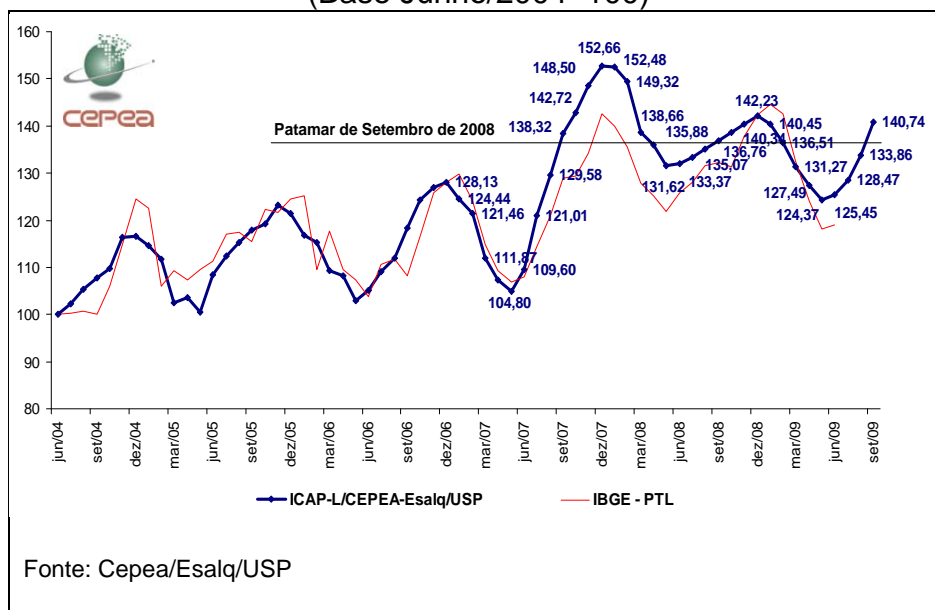
Gráfico 1: Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo IPCA (média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA).



Os preços pagos ao produtor caíram em todas as praças pesquisadas pelo Cepea, de setembro para outubro. A queda mais expressiva de 5,6 centavos por litro, foi registrada em Santa Catarina, com o leite negociado a R\$ 0,6342/litro, bruto – sem o desconto da CESSR (ex-Funrural) e de frete. Em São Paulo a queda foi de 5 centavos, com a média a R\$ 0,7352/litro e em Minas Gerais, a baixa foi de pouco mais de 4 centavos, com o litro a R\$ 0,7088, também sem os descontos de frete e de 2,3% de CESSR. Em Goiás, houve queda de 3 centavos por litro de setembro para outubro, com a média passando para R\$ 0,6989/litro (bruto). Na Bahia, onde os preços caíram com menos intensidade, pouco menos de 1 centavo, a média foi de R\$ 0,6474/litro em outubro (valor bruto).

Os custos de produção do leite, segundo a Scot Consultoria, hoje estão quase 8% menores do que há um ano, graças a quedas dos preços das matérias primas como o milho, sorgo, polpa cítrica e suplementos minerais. Os preços dos fertilizantes, também tiveram queda, ajudando na redução do custo de produção.

Gráfico 2: ICAP-L/Cepea - Índice de Captação de Leite - Setembro/09 (Base Junho/2004=100)



O total captado por laticínios e cooperativas amostradas pelo Cepea, no mês de setembro, foi 2,9%, maior que o de setembro do ano passado. De agosto para setembro deste ano, o aumento no volume de leite captado pelas empresas ultrapassou 5%. Mesmo assim, no acumulado de 2009, o volume ainda é 4,5% menor que o do mesmo período do ano passado. Segundo pesquisadores do Cepea, essa possível menor captação em 2009 está ligada ao baixo volume produzido no início do ano – o volume captado nos quatro primeiros meses de 2009 foi 7% inferior ao dos quatro primeiros meses de 2008.

Para os derivados, as quedas têm sido sucessivas para os principais produtos pesquisados pelo Cepea, considerando-se o mercado atacadista do estado de São Paulo. O leite UHT já acumula desvalorização de 33,76% na parcial deste semestre, o queijo mussarela, de 19,6%, o leite pasteurizado, de 12,41%, e o leite em pó (embalagem de 400g), de 6,5%.

Tabela 1 - Preços pagos pelos laticínios (bruto) e recebidos pelos produtores (líquido) em setembro/2009, referente ao leite entregue em setembro/ 2009.

Região	Bruto (c/frete e CESSR, ex-Funrural)			Preço líquido	Var. % Bruto	Var. % Líquido
	Máximo	Mínimo	Médio	Médio	Out/Set	Out/Set
Triâng./Alto Paranaíba	0,7718	0,7275	0,7578	0,7151	-7,06%	-7,08%
Sul/Sudeste	0,7379	0,5721	0,6931	0,6579	-7,99%	-7,98%
Vale do Rio Doce	0,7157	0,6676	0,7059	0,6778	-4,59%	-4,59%
Média Estadual	0,7290	0,6545	0,7088	0,6726	-5,58%	-5,56%
Média Nacional	0,7412	0,6085	0,6984	0,6586	-5,95%	-5,95%

Fonte: Cepea. Adaptado por Detec/Emater-MG

TENDÊNCIA

Com o custo dos principais fatores de produção do leite em queda e conhecendo a gestão do seu negócio, está na hora do produtor realizar boas aquisições de insumos.

A tendência para o próximo mês, é que os preços devam continuar em baixa, segundo 85,5% dos agentes compradores que participam da pesquisa do Cepea.

PEIXE

Frederico Ozanam de Souza
E-mail: frederico@emater.mg.gov.br
Tel.: (35) 3522-1166 – Passos/MG

A tilápia, conhecida mundialmente, é um peixe de origem africana introduzido no Brasil desde a década de 70. É um alimento com excelente sabor, com alto teor de nutrientes importantes para a alimentação humana. É um peixe resistente, com um desenvolvimento bastante rápido, principalmente se comparado com outras espécies de peixe de água doce.

A força da tilápia, como peixe de expressão mundial é realmente comprovada. Somente no ano passado os EUA, importaram cerca de 25 mil toneladas. O preço médio do peixe inteiro exportado está em torno de US\$ 2,25/kg.

Com o potencial e a forma como vem crescendo o cultivo de tilápia, o Brasil poderá se tornar, em breve, o maior produtor mundial. Para isso será necessário organizar toda a cadeia produtiva e ofertar carne com preço acessível e qualidade comprovada.

MERCADO

O preço da carne de peixes continua normal, mantendo-se instável. O preço recebido pelos produtores pelo peixe vivo de tilápia foi de R\$ 4,00 a R\$ 5,00/kg e o filé em torno de R\$ 15,00/kg.

Outras espécies de peixe vivo como o Matrinchã, Pacu e Tambaqui, foram cotadas de R\$ 5,00 a R\$ 6,00/kg. A truta foi comercializada entre R\$ 7,00 e R\$ 9,50/kg. Para as espécies de peixes considerados nobres, como o Surubim e o Dourado, os preços variaram entre R\$ 8,00 e R\$ 11,00/kg vivo.

A tendência é que, nas próximas semanas, os preços dos peixes se mantenham no patamar atual.

Preços médios da carne de peixe recebidos pelos produtores

Meses	Valor (R\$/kg)
Janeiro e fevereiro	3,70
Março	4,70
Abril a outubro	4,50

PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES

Produto	Unidade	Média Mensal
Milho	sc 60 kg	18,81
Soja	sc 60 kg	42,60
Feijão Carioca	sc 60 kg	76,05
Feijão Preto	sc 60 kg	76,18
Café Arábica, Bebida Dura, Tipo 06	cx 60 kg	248,33
Banana Prata	cx 18 kg	13,80
Banana Nanica	cx 18 kg	12,04
Bezerro desmamado Nelore	unid	528,44
Bezerra desmamada Nelore	unid	438,68
Bezerro desmamado Mestiço	unid	418,07
Bezerra desmamada Mestiça	unid	356,35
Vaca Gorda para Abate – Consumo Interno	arroba	66,61
Boi Gordo para Abate – Consumo Interno	arroba	71,47
Boi Gordo para Abate – Tipo exportação	arroba	75,02
Leite Resfriado	L	0,65

PREÇOS MAIS COMUNS NA CEASAMINAS BH

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	22,00	Laranja	20 kg	13,00
Abacaxi	dz	23,00	Limão Tahiti	20 kg	30,00
Abobrinha-italiana	18 kg	6,00	Maçã	18 kg	43,00
Abobrinha-menina	18 kg	10,00	Mamão Formosa	18 kg	33,00
Abóbora Moganga	15 kg	13,00	Mamão Havaí	8 kg	10,00
Alface	dz	5,00	Mandioca	22 kg	10,00
Alho brasileiro	10 kg	65,00	Mandioquinha	22 kg	30,00
Banana Nanica	18 kg	17,00	Manga	6 kg	7,00
Banana Prata	18 kg	20,00	Maracujá	14 kg	30,00
Batata	50 kg	90,00	Melancia	kg	0,60
Batata-doce	22 kg	20,00	Melão	13 kg	15,00
Berinjela	12 kg	7,00	Milho Verde	25 kg	8,00
Beterraba	22 kg	25,00	Moranga	25 kg	9,00
Brócolo	dz	18,00	Morango	1,5 kg	6,00
Cebola	20 kg	38,00	Ovo de granja	30 dz	38,00
Cenoura	22 kg	15,00	Pepino	21 kg	7,00
Chuchu	22 kg	7,00	Pera	20 kg	55,00
Coco verde	dz	9,60	Pimentão	10 kg	10,00
Couve	dz	5,00	Quiabo	14 kg	15,00
Couve-flor	06 unid.	8,00	Repolho	25 kg	7,00
Espinafre	dz	15,00	Tangerina	15 kg	28,00
Goiaba	2,5 kg	8,00	Ponkan		
Inhame	20 kg	35,00	Tomate	22 kg	40,00
Jiló	16 kg	13,00	Uva Itália	6 kg	22,00
			Vagem	13 kg	8,00

Preços referentes ao dia 06.11.2009.

Fonte: Ceasaminas - Elaboração: Asmec/Emater-MG